

Espiritualidade e educação: formação integral e desafios

Spirituality and education: comprehensive education and obstacles

DOI:10.18226/21784612.v30.e025028

Antonio Marcos Francisco¹

Resumo: A espiritualidade é uma noção que evoca historicamente uma significação análoga à religiosidade. No entanto, há discussões na área da filosofia e da saúde que geram uma ruptura nessa concepção e tornam possível um diálogo entre espiritualidade e educação sem conexões religiosas. **Objetivo:** Discutir a noção de espiritualidade na concepção filosófica e nos estudos científicos, a fim de fundamentar as possibilidades de visualizá-la na formação integral dos estudantes, apresentando as probabilidades e os desafios que podem surgir dessa relação. **Método:** Trata-se de um procedimento metodológico fundamentado em uma pesquisa bibliográfica, isso sustenta uma investigação sistemática envolvida com questões conceituais, analisando o problema teórico e conceitual (espiritualidade) para fundamentar as possibilidades de um diálogo com a educação. **Resultados:** A formação dos estudantes do ensino médio enfatiza a dimensão mental ou racional. Prioriza a assimilação dos conhecimentos científicos e culturais como uma preparação para o mercado de trabalho. Ainda não há discussões amplas sobre a importância da dimensão emocional e espiritual na formação integral desses jovens. **Conclusões:** Os resultados apontam para a possibilidade de o sistema escolar considerar a espiritualidade como uma dimensão transversal e estruturante da natureza humana, associando-a ao processo de formação integral dos estudantes. Porém, as discussões sobre esse tema ainda não oferecem uma possibilidade de implementação dessa noção nos currículos escolares. Inúmeras questões permanecem em aberto: quais seriam os conteúdos a serem trabalhados? Quais as técnicas ou metodologias de ensino? Quais os resultados esperados: quais os benefícios aferíveis ou mensuráveis da espiritualidade na formação integral dos estudantes?

Palavras-chave: Educação. Espiritualidade. Formação Integral. Base Nacional Comum Curricular.

¹ Doutor em Educação na UFScar. Professor no Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1145-9661>. Email: antonio.marcos@uemg.br.

Abstract: The spirituality is a notion that historically evokes a meaning analogous to religiosity. However, discussions in the fields of philosophy and health generate a rupture in this conception and make possible a dialogue between spirituality and education without religious connections. **Objective:** To discuss the notion of spirituality in philosophical conception and scientific studies in order to substantiate the possibilities of visualizing it in the integral formation of students, presenting the probabilities and challenges that may arise from this relationship. **Method:** This is a methodological procedure based on bibliographic research, which supports a systematic investigation involved with conceptual issues, analyzing the theoretical and conceptual problem (spirituality), to substantiate the possibilities of a dialogue with education. **Results:** The education of high school students emphasizes the mental or rational dimension. It prioritizes the assimilation of scientific and cultural knowledge as preparation for the job market. There are still no broad discussions about the importance of the emotional and spiritual dimension in the integral formation of these young people. **Conclusions:** The results suggest that the school system could consider spirituality as a transversal and structuring dimension of human nature, associating it with the integral formation process of students. However, discussions on this topic do not yet offer a possibility for implementing this notion in school curricula. Numerous questions remain open: what content should be covered? What teaching techniques or methodologies should be used? What are the expected results: what are the measurable benefits of spirituality in the integral formation of students?

Keywords: Education. Spirituality. Comprehensive education. Base Nacional Comum Curricular.

Introdução

Os documentos normativos da educação, como a Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio (BNCC), apresentam o conhecimento científico e a formação para o trabalho e a cidadania como centrais na organização dos currículos escolares. Saviani (Saviani, 2021) defende, claramente, a apropriação do saber científico e histórico pela classe trabalhadora, que passa pelo fenômeno das contradições sociais também na área educacional, ou seja, para esses estudantes a desigualdade reside na dificuldade de acesso tanto aos bens culturais quanto econômicos. Problema extremamente relevante para a tarefa educacional, que deve se preocupar com uma transformação da realidade social marcada por essas desigualdades, principalmente de acesso ao saber (Saviani, 2019).

Eis por que se pode falar de diferentes tipos de saber ou de conhecimento, tais como: conhecimento sensível, intuitivo, afetivo, conhecimento intelectual, lógico, racional, conhecimento artístico, estético, conhecimento axiológico, conhecimento religioso e, mesmo, conhecimento prático e conhecimento teórico. Do ponto de vista da educação, esses diferentes tipos de saber não interessam em si mesmos; eles interessam, sim, mas enquanto elementos que os indivíduos da espécie humana necessitam assimilar para que se tornem humanos (Saviani, 2021, p. 7).

A educação, nessa perspectiva, é o fundamento para uma formação humana em todas as suas dimensões, um processo de assimilação, como discute Saviani. Um saber objetivo que resulta do trabalho histórico (de uma cumulação de conhecimentos por diferentes gerações) e se transforma em conteúdos de ensino no processo de aprendizagem. Se apropriar desses diferentes conhecimentos ou tipos de saberes é um caminho necessário, não contingente, a uma formação integral dos estudantes do ensino médio. Nessa etapa educacional, podemos somar a espiritualidade a esses “diferentes tipos de saber”. Entretanto, trata-se de um “saber” de percepção tênue a ser “assimilado”, já que essa pode ser compreendida mais como um processo de reflexão e de vivências do que como conteúdo curricular.

A espiritualidade é uma dimensão da vida humana discutida por diferentes autores da área da saúde e da educação (Guimarães; Avezum, 2007; Jankauskas, 2023; Röhr, 2020; Saad; Masiero; Battistella, 2001), que apresentem reflexões com potencial de destacar outros aspectos da formação humana ainda ausentes no documento normativo, a BNCC, uma vez que a formação integral deve promover o desenvolvimento de habilidades em todos os tipos de saberes e em todas as dimensões humanas.

Os jovens, principalmente os matriculados no sistema de ensino, reconhecem a importância do conhecimento científico, de diplomas e de certificados para o acesso ao mercado de trabalho (Pereira; Lopes, 2016). Essa é uma das preocupações principais para os estudantes do Ensino Médio. No entanto, uma formação integral também apresenta perspectivas subjetivas, uma vez que o ser humano é multidimensional. Nesse sentido, portanto, a espiritualidade se torna relevante para o trabalho educacional,

como afirmam Vasconcelos e Araújo (2021, p. 63): “vale lembrar que o exercício íntimo da dimensão espiritual como humanização é algo distinto do conceito de religião e independe do indivíduo ser praticante ou não de uma crença religiosa específica”.

No Brasil, o sistema educacional ainda apresenta uma perspectiva teórica que considera a religião e a espiritualidade como termos sinônimos; na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017, p. 439), encontramos a seguinte afirmação: “Tal experiência é uma construção subjetiva alimentada por diferentes práticas espirituais ou ritualísticas, que incluem a realização de cerimônias, celebrações, orações, festividades, peregrinações, entre outras”. Essa concepção tradicional do senso comum dificulta a visualização daquilo que poderia ser compreendido como uma dimensão humana, não como práticas culturais religiosas – “não se confunde essa dimensão com a religiosa” (Röhr, 2013, p. 26). Qual é, então, a diferença entre espiritualidade e religião? Segundo Röhr (2011, 2012) a religião pode ter componentes da espiritualidade, no entanto, esse aspecto cultural da vida humana se fundamenta em crenças de revelações e de intervenções divinas e apresenta-se como uma organização social – grupos de pessoas que se reúnem para práticas de rituais, festividades, peregrinações –, como também citado pela BNCC. “[...] dessa forma, são estranhas ou não necessárias à dimensão espiritual” (Röhr, 2013, p. 26).

Na perspectiva de Röhr e de outros autores (Farinha *et al.*, 2018; Jankauskas, 2023; Possebon; Gonsalves Possebon; Dantas, 2022), a espiritualidade é compreendida como um componente da natureza humana, do mesmo modo que a dimensão sensitiva, emocional ou racional, de modo que não é necessária a conexão com a religião. A espiritualidade, na cultura ocidental, é tradicionalmente associada a manifestações culturais e expressamente conectada à religiosidade, fenômeno que dificulta qualquer conexão com investigações científicas ou filosóficas. Todavia, inúmeros trabalhos buscam uma ruptura com essa perspectiva que insere a espiritualidade como um sinônimo ou elemento de um conjunto: a religião. Mas qual a importância de se pensar a relação entre espiritualidade e educação? Como essa dimensão humana pode contribuir para a formação integral dos estudantes?

Neste artigo procura-se discutir como a escola pode ser um espaço importante para as reflexões sobre a espiritualidade humana, visto que o reconhecimento desta dimensão pode contribuir para amenizar os conflitos emocionais nas vivências escolares e sociais dos estudantes, fortemente inseridos em um contexto de conteúdos especificamente cognitivos - de saber científico. Nesse sentido, percebe-se a necessidade de ampliar os estudos e as reflexões sobre um diálogo possível entre educação e espiritualidade, na tentativa de possibilitar aos educandos a visualização dessa dimensão para suas “conversões do olhar”, suas “modificações da existência”, como afirma (Foucault, 2004, p. 19), bem como a fim de servir como um guia para a vida cotidiana e para o seu convívio social (Vasconcelos; Araújo, 2021).

Espiritualidade e educação: uma relação possível?

Não é difícil perceber que um professor autoritário, não dialógico, pode despertar sentimento de indignação em alguns alunos. Há, porém, outros que podem fazer surgir o encanto por algumas obras estéticas como: literatura, escultura, teatro e dança. Ou seja, o professor pode suscitar, nas relações em sala de aula, algo na emocionalidade do aluno, atingindo-a em diferentes perspectivas. Também pode despertar a curiosidade com alguns conteúdos científicos como: química, física, biologia etc. Isto é, ativa algo pertencente a sua dimensão mental, sua capacidade de reflexão e raciocínio lógico.

Mas e a espiritualidade? Como visualizá-la, como sensibilizar alguém a buscá-la e a percebê-la em sua vida cotidiana? Como as sensações físicas, como dor e fome, por exemplo, atuam sobre as dimensões mais sutis: emocional, racional e espiritual? A espiritualidade não é visível no corpo biológico, nem fácil de sentir como a dimensão emocional ou de se discutir como a mental. Como afirma Röhr (2020), é demasiadamente sutil para ser percebida, senão pela própria pessoa.

Até que ponto algo transcendental, metafísico, pode realmente fazer parte da natureza humana e do processo educacional? Pesquisas sobre esse tema apresentam discussões que procuram visualizar a espiritualidade como uma dimensão humana e, por consequência, como algo que não pode ser excluído de uma

formação integral do ser humano, dos educandos. Essas e outras investigações, incluindo as do campo da saúde, fundamentam as discussões teóricas para as reflexões entre educação e espiritualidade. Como algo transcendental e metafísico, no mundo materialista contemporâneo, pode ser visualizado como uma dimensão humana e fazer parte da formação integral dos educandos? O professor pode realmente mostrar as portas da espiritualidade para os educandos e motivá-los a abri-la? Ou seja, sem metáforas, como o professor pode fomentar a sensibilidade nos educandos, a fim de tornar a espiritualidade uma experiência em suas vidas cotidianas?

Assim como também, em maior parte, defende-se não apenas a ampliação dos tempos escolares, mas a concretização da organização de uma escola que se caracterize como de educação integral, que preze pelo desenvolvimento das múltiplas dimensões do sujeito, mais especificamente pela compreensão da formação humana integral (Varani; Campos; Rossin, 2019, p. 181).

Como afirmam os autores citados, a escola deve ter também em consideração o “desenvolvimento das múltiplas dimensões do sujeito”. Os documentos normativos, como a BNCC, apresentam os conteúdos curriculares científicos, éticos e com pouca reflexão sobre a dimensão emocional e espiritual, que permanece excluída de qualquer ação efetiva na tarefa educacional de formação integral dos educandos – “com a homologação da BNCC, as redes de ensino e escolas particulares terão diante de si a tarefa de construir currículos, com base nas aprendizagens essenciais estabelecidas na BNCC” (Brasil, 2017, p. 19). Mas quais são essas aprendizagens essenciais? A formação para o mercado de trabalho e para uma cidadania de direitos e deveres:

Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (Brasil, 2018, p. 8).

A competência significa que o educando desenvolveu habilidades essenciais para resolução dos desafios cotidianos, trata-se de uma formação pragmática, não restando espaço para dimensões emocionais e espirituais, já que estas não atendem o

mundo do trabalho nem os deveres e obrigações sociais (cidadania). Outro problema é o fato de a espiritualidade ser compreendida na BNCC como algo apenas cultural e de conteúdo da disciplina de Ensino Religioso no Ensino Fundamental I – “Identificar as diversas formas de expressão da espiritualidade (orações, cultos, gestos, cantos, dança, meditação) nas diferentes tradições religiosas” (Brasil, 2018, p. 449). A noção de espiritualidade como pretende-se discutir nesse artigo, fundamenta-se na antropologia filosófica, em investigações científicas na área da saúde e da filosofia da educação, a fim de apresentar uma ruptura entre espiritualidade e religião e definir aquela como uma dimensão humana, não como algo estritamente religioso e cultural.

Contudo, há inúmeros problemas, uma vez que a espiritualidade é ainda mais sutil que um sentimento humano, e, por isso, não é algo mensurável ou perceptível.

Sentimentos que frequentemente são *intensos*, como os de ciúmes, inveja, indiferença e outros podem passar despercebidos também por muitas pessoas que os vivenciam cotidianamente. Apesar de serem sentimentos compreendidos pelas pessoas que compartilham das mesmas experiências, a própria pessoa que os vivência pode não estar totalmente certa do que está acontecendo em seu mundo interior na dimensão emocional. Como a espiritualidade, portanto, algo ainda mais sutil que um sentimento, pode ser compreendida como uma dimensão humana? Ela é realmente parte da natureza humana como é a dimensão biológica, a emocional e a racional ou intelectual? Ou é apenas mais um produto da cultura humana, como é a religião, a política, a arte etc.?

Em primeiro lugar, refletir sobre a espiritualidade implica, no nosso pensar, levar em consideração a integralidade do ser humano. Se admitirmos, inicialmente de forma provisória, que a espiritualidade é uma das dimensões que fazem parte do ser humano, não podemos vê-la de forma isolada, sem nexos com as dimensões “profanas”. Criar um distanciamento intransponível entre a espiritualidade e as demais dimensões – afirmamos com antecipação – gera um misticismo falso e nocivo à formação humana (Röhr, 2012, p. 14).

A espiritualidade é um conceito que, no senso comum, está intrinsecamente envolvido com questões teológicas ou religiosas.

Na cultura brasileira, marcada pelas tradições judaico-cristãs, não é incomum interpretar essa dimensão humana na perspectiva cultural-religiosa. Como afirma Aranha (2006, p. 19), “chamamos de senso comum o conhecimento herdado por um grupo social, cujas experiências fecundas continuam sendo levadas a efeito pelos indivíduos da comunidade”. Assim, podemos interpretar a noção de espiritualidade com um significado construído historicamente no contexto religioso e herdado de geração em geração. No entanto, como distanciar a espiritualidade desse cenário religioso e permitir uma formação integral do ser humano no espaço escolar?

Ferdinand Röhr descreve a espiritualidade como uma esfera ou dimensão constituinte da natureza humana. Não é produto da cultura, mas uma característica do ser humano conectada a sua dimensão biológica, mental, emocional e sensitiva.

Figura 1 – Dimensões humanas



Fonte: Röhr, 2011, p. 56

A espiritualidade pode influenciar outras dimensões mais perceptíveis; é necessária, porém, sensibilidade para visualizar a si mesmo de forma integral.² É uma dimensão humana enigmática

² Röhr não aponta uma possibilidade de pôr à prova a dimensão espiritual, mas de colocá-la em teste: “A verdade sobre as intuições de questões espirituais não pode ser provada, mas pode ser

ou misteriosa, já que não é passível de ser experienciada pelos sentidos, no entanto, se é capaz de influenciar a dimensão biológica, podemos afirmar que também está presente no mundo empírico ou sensitivo. Uma dimensão com implicações para formação ética e humana, entretanto, seu valor para o sistema educacional ainda é desconhecido. Os principais desafios se encontram em uma definição menos abstrata, intuitiva ou religiosa para essa noção. Se fosse possível descrever a espiritualidade como a neurociência ou a epistemologia descrevem os processos mentais, uma compreensão mais profunda seria possível. A tarefa educacional sobre esse tema também se torna enigmática: quais os métodos ou didáticas possíveis para apresentar, discutir e desenvolver a sensibilidade dos estudantes para que encontrem e vivenciem em sua vida cotidiana essa dimensão, assim como ocorre com a dimensão emocional, racional, sensitiva e biológica?

A espiritualidade como uma dimensão humana no espaço educacional

A especificidade da educação se resume à aprendizagem do saber científico e à formação para o mercado de trabalho? Não é tarefa da educação o trabalho pedagógico com a afetividade humana e a formação ética, criando sensibilidade nas relações humanas? A preocupação com o corpo e os cuidados com a saúde física estão também presentes na teoria e na prática pedagógica. A dimensão física, cognitiva e emocional pertence à natureza humana e fazem parte da formação, da educação infantil ao ensino médio. A dimensão espiritual, portanto, como algo natural ao ser humano também não se torna algo de interesse pedagógico?

A educação pode estimular, desde o princípio, as pessoas a exercitarem a integração entre sua capacidade reflexiva, sentimental/emocional e comportamental e a desenvolverem a capacidade de escutarem-se a si mesmas com profundidade, cuidado e atenção, contribuindo ainda para que elas possam reconhecer, sem repulsa nem apego, as negatividades que habitam seu próprio interior.

testada. A 'prova' da existência da dimensão espiritual reside no empenho incondicional das pessoas que fizeram e tiveram uma experiência interior e profunda e as práticas correspondentes que decorrem disso. Todo aquele que busca seriamente seu caminho espiritual despense grande esforço para obter congruência entre as profundas convicções que possui, seu modo de falar sobre isso e suas ações. Só depois de obter tal congruência é que podemos ter certeza do nosso caminho" (Röhr, 2020, p. 91).

Pode, ainda, estimular as crianças e [os] adolescentes a desenvolverem habilidades positivas e necessárias ao relacionamento produtivo com as demais pessoas e com os diferentes ambientes, estimulando a realização pessoal da solidariedade, empatia, autonomia e integridade (Policarpo Junior, 2012, p. 103).

O que seria a espiritualidade na educação? Um estímulo para a integração da capacidade reflexiva envolvendo todas as dimensões humanas, de seu mundo interior e de sua relação com o mundo exterior. Como afirma Severino (2005, p. 138), “é, pois, pela mediação da consciência subjetiva que o homem pode intencionalizar sua prática, pois essa consciência é capaz de elaborar sentidos e de sensibilizar-se a valores”.

Tal sensibilização ocorre a partir da visualização subjetiva do exercício da integração entre a capacidade reflexiva, cognitiva, emocional e das interações do estudante com o mundo social, material e cultural. Isso não garante, por meio da educação, a “realização espiritual de ninguém”, como afirma Policarpo Junior (2019, p. 103), ou seja, não torna as pessoas totalmente conscientes de todos os aspectos que envolvem sua vida física, cognitiva, emotiva e social, o que seria impossível, mas contribui para a intencionalização de suas práticas, para a sensibilização, para a construção de valores e para a formação de identidade, uma vez que desperta individualidades.

Está claro, neste sentido, que a educação não pode jamais se resumir ao fim do desenvolvimento de habilidades cognitivas ou de operações formais abstratas, pois, conforme tudo o que foi afirmado, o ser humano não é só pensamento, nem só conhecimento. Não se trata, igualmente, de relegar a importância de tal dimensão humana, mas [...] de integrá-la ao desenvolvimento do sentir, do agir, do cuidar e do relacionar-se (Policarpo Junior, 2012, p. 104).

Pensar a espiritualidade humana como uma tarefa educacional não exclui a importância da assimilação, pelos educandos, do saber científico; ou seja, as habilidades cognitivas e as operações formais não passam a ser mais ou menos importantes, e se tornam, na formação humana, tão fundamentais quando o desenvolvimento do “sentir, do agir, do cuidar e do relacionar-se” (Policarpo Junior, 2012, p. 104). Portanto, a dimensão espiritual integra-se na tarefa

pedagógica, na formação do ser humano que, como afirma Severino (2006, p. 621), “não nasce pronto [...] tem necessidade de cuidar de si mesmo como que buscando um estágio de maior humanidade, uma condição de maior perfeição em seu modo de ser humano”.

Nas discussões de Severino (2006), a formação humana é um objetivo utópico na história de sua existência e ainda permanece como um ideal a ser alcançado em nossa civilização marcada pelo mundo do trabalho, pela opressão na vida social e pela exclusão do universo cultural, fatores que, no entanto, não retiram da educação sua relevância e importância para a “formação de uma personalidade integral” (Severino, 2006, p. 621). O que seria, porém, uma personalidade integral?

Röhr (2010) aborda a formação humana em sua integralidade através de dois processos distintos: a hominização, que consiste no desenvolvimento natural e biológico do homem ao longo da vida; e a humanização, que ocorre quando [...] [ele] desenvolve a sua sensibilidade e os seus valores éticos e espirituais, com o objetivo de guiar a sua vida e o seu convívio social. No processo de humanização, o ser humano faz um exercício de introspecção e analisa as áreas da sua vida, percebendo tudo que precisa ser tratado em si mesmo e se há congruência entre o que ele acredita e como ele age, pois, para um viver ético na sociedade e, principalmente, no campo educacional, é necessário estar integrado consigo mesmo. Nessa esteira, o autor associa a humanização ao conceito de espiritualidade que [...] propõe em sua obra (Vasconcelos; Araújo, 2021, p. 31-32).

Ferdinand Röhr, em suas pesquisas, apresenta cinco dimensões básicas da natureza humana, que, compreendidas como esferas ou camadas da essência humana, podem exemplificar o que seria uma personalidade integral.

[...] observações fenomenológicas sistemáticas e experiências de terapeutas em medicina complementar distinguem cinco dimensões básicas: a física (corpo), a sensorial (cinco sentidos), a emocional (medo, entusiasmo, melancolia...), a mental (racionalidade, imaginação, insights) e o espiritual (valores éticos e metafísicos), bem como um número não fechado de dimensões transversais, como o relacional-social, prático-laboral-profissional, político-econômico, libidinal-sexual, estético, ética etc. Consideramos imanentes as dimensões física, sensorial, emocional e mental. A dimensão espiritual é

transcendente, pois precisamos de um ato de crença para sua existência. As dimensões básicas são ordenadas do mais denso (físico) ao mais sutil (espiritual). Observações fenomenológicas mostram que quanto mais densas as dimensões mais elas interferem imediata e fortemente nas mais sutis, enquanto a influência das mais sutis nas dimensões mais densas é lenta e tênue (Röhr, 2020, p. 89, tradução nossa).

A capacidade racional e emocional humana estão intrinsecamente conectadas ao corpo, à estrutura neurológica. Portanto, afeta-se o corpo, afetam-se estas capacidades. Algo que atua sobre o corpo físico pode ser compreendido como algo transcendental na natureza humana? Ferdinand Röhr não assume um dualismo cartesiano³, separando mente e corpo em concepções menos profundas da teoria cartesiana, já que Descartes (2004, p. 175) também considera a potencialidade de uma dimensão se unir a outra – as “sensações de sede, fome, dor etc., não são mais do que modos de pensamento confusos, resultantes da união e como que mistura da mente com o corpo”. Em diferentes perspectivas ou momentos históricos, considera-se as dimensões humanas como unificadas, uma atuando sobre a outra com maior ou menor densidade.

A dimensão mais densa atua muito rápida e fortemente sobre as mais sutis. Se, por exemplo, algo fere nosso corpo físico e causa dor, nosso estado emocional mudará imediata e drasticamente. Por outro lado, sabemos, que a permanência de estados emocionais desequilibrados, como o estresse permanente, acaba por se manifestar no nosso corpo físico sob a forma de somatizações. Isso significa que as dimensões mais sutis atuam mais lentamente e mais levemente sobre as mais densas (Röhr, 2020, p. 92, tradução nossa).

Para o autor, as dimensões mais densas apresentam maior potência sobre as mais sutis - quanto mais empírica a dimensão, mais robusta se ela torna, ou seja, quanto mais próximo da dimensão biológica ou física, maior será a sensibilidade humana sobre

³ Guerrezi e Coelho (2025, p. 160) apresentam a seguinte síntese sobre o dualismo cartesiano – “as duas substâncias [mente e corpo] existem de fato independentes uma da outra. O nosso erro consiste em achar que o ser humano pode ser compreendido pelos mesmos meios que aqueles utilizados para se compreender as duas substâncias separadamente. Quando se fala da união substancial, trata-se de uma terceira via epistemológica, que no fundo será sempre obscura, já que a união entre a substância pensante e a substância extensa gera o “complexo” ser humano. A expressão “dualismo cartesiano” se torna problemática devido à maneira como foi entendido o dualismo”.

fenômenos positivos ou negativos. Por exemplo, um estudante com dores no joelho devido a um ferimento causado na aula de educação física possivelmente experienciará a dor atuando sobre sua dimensão emocional e mental. A dimensão física, mais densa, atua rapidamente sobre essas duas dimensões. Todavia, o modo como a dor interfere na dimensão espiritual, é de difícil compreensão – “as primeiras quatro dimensões [física, sensorial, emocional e mental] são consideradas imanentes, enquanto a dimensão espiritual é transcendente porque não há prova empírica ou racional de sua existência” (Röhr, 2020, p. 90, tradução nossa). Isso dificulta também perceber como as dimensões mais densas atuam sobre a espiritualidade e como a espiritualidade pode atuar sobre outras dimensões humanas.

Essa unificação, “mistura” e influência de uma dimensão sobre a outra, não é apenas um discurso filosófico; pesquisas recentes na área da saúde revelam como a espiritualidade age positivamente no processo de recuperação de pacientes que passam por diferentes tipos de tratamento – “as implicações da espiritualidade na saúde vêm sendo cientificamente avaliadas e documentadas em centenas de artigos, demonstrando sua relação com vários aspectos das saúdes física e mental, provavelmente positivos e possivelmente causais” (Guimarães; Avezum, 2007, p. 87). Nas palavras dos autores, que atuam no campo da medicina, a espiritualidade, assim como os medicamentos, guarda uma relação causal com a recuperação de pessoas em tratamento durante as práticas clínicas. Guimarães e Avezum (2007, p. 87), em uma revisão bibliográfica descritiva de práticas culturais religiosas, apresentaram discussões relevantes, com a seguinte conclusão sobre as relações entre espiritualidade e religião e atividade imunológica ou promoção da saúde: “há crescente acúmulo de evidências sobre a relação entre religiosidade/espiritualidade e saúde física, mas [...] [em razão de essas] evidências ainda não serem adequadamente robustas, este se constitui em promissor campo de investigação”.

Outras investigações sobre espiritualidade e suas implicações na melhora imunológica e psicológica de pacientes são temas de diferentes pesquisas na área da saúde (Barbosa da Silva; Martins Guerra, 2024; Carmo, 2022; Farinha *et al.*, 2018; Panzini *et al.*, 2007; Saad; Masiero; Battistella, 2001). Entretanto, essas investigações

partem da observação dos pacientes, sujeitos de pesquisa, que sempre buscam na religiosidade uma vivência da espiritualidade, compreendendo como uma dimensão transcendental que implica transformações nas dimensões imanentes.

Porém, como revelam os resultados das pesquisas empíricas, a espiritualidade não deixa de ser uma possibilidade causal (Guimarães; Avezum, 2007). Ela influencia positivamente a saúde física e mental, um resultado de união, parafraseando Descartes (2004), não de mente e corpo, mas de todas as dimensões humanas. Policarpo Junior (2012, p. 245), em sua concepção na área da filosofia, também questiona uma perspectiva transcendental da espiritualidade, compreendendo que a tomada de decisão sobre imanência e transcendência “não seria o mais adequado para se compreender a prática comprometida da espiritualidade, porque essa última, para ser considerada como tal, sempre deveria se manifestar exatamente na realidade imanente”.

Para Röhr (2020), a espiritualidade é uma dimensão que faz parte da integridade do ser humano. Nessa perspectiva, esse tema não pode ser excluído da tarefa educacional, pois a educação tem como objetivo contribuir para a formação integral da pessoa, do educando. “[...] os defensores da chamada ‘educação holística’, ou ‘integral’, têm como objetivo comum a ‘reconfiguração’ do ser, ou seja, a formação do humano em sua inteireza” (Leal; Röhr; Policarpo Junior, 2010, p. 20). Apesar de ser um elemento constituinte da existência humana, como é a biológica, a emocional e a mental, não é uma dimensão humana que faz parte das preocupações escolares, nem corretamente conceituada na BNCC.

A educação pode contribuir para a formação integral do ser humano no que diz respeito à intencionalização e à potencialização, nos educandos, de planos de ações para que eles enfrentem criticamente os problemas que se apresentam em sua história existencial.

Chamemos “filosofia” a forma de pensamento que se interroga sobre o que permite ao sujeito ter acesso à verdade, forma de pensamento que tenta determinar as condições e os limites do acesso do sujeito à verdade. Pois bem, se a isto chamarmos “filosofia”, creio que poderíamos chamar de “espiritualidade” o conjunto de buscas, práticas e experiências tais como as purificações, as ascetes, as

renúncias, as conversões do olhar, as modificações da existência etc., que constituem, não para o conhecimento, mas para o sujeito, para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para ter acesso à verdade (Foucault, 2010, p. 19).

Nesse sentido, o autor citado compreende a filosofia como uma ação de reflexão e questionamento, instrumento ou recurso humano para chegar à verdade, não uma verdade como algo apenas que se conhece, epistemológica, mas ligada à prática que na antiguidade greco-romana era compreendida como um processo que não desvincula a verdade do processo da construção de si.⁴ Assim, a espiritualidade encontra-se na capacidade de a pessoa olhar para si mesma e transformar o seu ser a partir daquilo que reconheceu como verdade implicando “modificações da existência”: essas buscas pela verdade no campo da filosofia podem resultar em práticas e experiências, que o autor conceitua como espiritualidade.

Para Foucault (2010), em seus estudos históricos, o acesso à verdade nunca é um simples ato de conhecimento; ele é uma busca do próprio sujeito pela transformação existencial: uma espiritualidade imanente. A verdade não é obtida de modo imediato, uma vez que só pode ser alcançada caso o indivíduo se comprometa com práticas que modifiquem sua própria forma de ser. Assim, nas palavras de Foucault, há um “preço” a ser pago: não o “preço” cognitivo do método, a verdade não se resume à correspondência entre enunciados e fatos, mas um “preço” ético e existencial das purificações, das renúncias, das conversões do olhar e das transformações da vida. É nesse domínio da espiritualidade (do “cuidado de si”) – entendido como o conjunto de exercícios pelos quais o sujeito se trabalha e se constitui para tornar-se apto à verdade – que a relação com a verdade se estabelece. Ela, portanto, não revela um “ser autêntico” previamente existente; opera como força que exige e produz a transformação do sujeito, convocando-o a refazer-se eticamente e a reconstruir seu modo de viver para que possa, enfim, acolhê-la.

Portanto, o desenvolvimento da espiritualidade é algo que deve partir da própria pessoa que, apoderada da verdade, do saber,

⁴ Na obra “A hermenêutica do sujeito”, Foucault (2010) em seus estudos históricos associa a verdade: a exercícios espirituais, a atenção a si mesmo (cuidado de si), ao autodomínio, ao exame de consciência e as práticas ascéticas. Uma espiritualidade na perspectiva imanente, que pode ser experienciada na vida cotidiana.

está aberta à transformação de seu ser. Essa perspectiva ética, como afirma Foucault (2010), passou por uma ruptura entre verdade e espiritualidade na Modernidade; com o sistema capitalista, o trabalho passa a assumir uma função gerenciadora da vida: a formação humana busca priorizar a produtividade, o desempenho e uma função econômica. Com isso, a dimensão espiritual não encontra motivos de ser para o sistema educacional, que também é influenciado pelas mudanças culturais e passa a enfatizar a formação para o trabalho. Entretanto, uma formação integral não pode negar ou erradicar a espiritualidade, na medida em que a tarefa educativa não se resume ao desenvolvimento cognitivo ou de atitudes produtivas ou empreendedoras (Corrochano; Tommasi, 2020). Uma formação integral também deve incluir no processo de formação humana a espiritualidade: uma integração de todas as dimensões da natureza humana.

Não há probabilidade de que a dimensão espiritual possa agir sobre outra dimensão, se essa dimensão não for amplamente equilibrada. Qualquer perturbação em uma dimensão mais densa pode bloquear internamente a influência da espiritualidade. Um estado de ódio, por exemplo, provavelmente anulará a intenção de agir de forma não violenta. Ou, em outras palavras, a dimensão espiritual deve ser fortemente formada para neutralizar um desequilíbrio emocional (Röhr, 2020, p. 92, tradução nossa).

Caso as quatro dimensões humanas mais densas sejam postas em comparação com a espiritual, fundamentando a tese nas palavras do autor, essa passa a apresentar uma característica singular: uma “natureza” amplamente positiva. Uma pessoa pode ter uma *dimensão física* saudável ou agravada, *percepções ou sensações* delitosas ou desagradáveis, *sentimentos ou emoções* de ódio ou de paz, *recordações ou pensamentos* na dimensão mental perturbadores ou serenos, entretanto, na dimensão espiritual há uma relação de causalidade plenamente positiva, conforme discutido na área da saúde. Uma dimensão espiritual “fortemente formada” influencia positivamente outras dimensões mais densas, contribuindo para o bem-estar físico e psíquico do ser humano. Por mais densa que seja a dimensão física, a espiritualidade também pode atuar na melhora do sistema imunológico (Carmo, 2022; Guimarães; Avezum, 2007;

Panzini *et al.*, 2007) e emocional (Barbosa da Silva; Martins Guerra, 2024; Possebon; Gonsalves Possebon; Dantas, 2022; Röhr, 2013).

Por isso, não é complexo defender a necessidade de se ensinar as crianças e os jovens a cuidarem de seu próprio corpo, de visualizarem os problemas e dificuldades que a falta de higiene, a má alimentação e a falta de atividades físicas causam à sua saúde. O mesmo ocorre com os conteúdos culturais e científicos que devem ser assimilados e apropriados pelos educandos; para isso existe um currículo, métodos de ensino e práticas educacionais. A dimensão espiritual, no entanto, é complexa: como tornar algo subjetivo um elemento educacional? Como uma dimensão tão sutil e difícil de identificar pode fazer parte da tarefa educacional? Essa parece ser uma dificuldade até mesmo para aqueles que defendem um diálogo entre educação e espiritualidade.

Assim, podemos apontar um importante questionamento no que diz respeito ao documento normativo da BNCC: por que a espiritualidade como uma dimensão humana não pode fazer parte da tarefa educacional no espaço escolar? E como pensar em momentos durante o processo educacional que permitam aos jovens estudantes terem uma dimensão espiritual “fortemente formada para neutralizar um desequilíbrio emocional”? (Röhr, 2020, p. 92, tradução nossa).

As discussões na área da saúde e da filosofia sustentam a espiritualidade como uma dimensão humana que pode ser compreendida como imanente. Nesse sentido, não é impossível que conteúdos curriculares sejam também discutidos para que a dimensão espiritual dos jovens estudantes possa vir a ser “fortemente formada”. Sendo essa dimensão imanente, congruente com o sensível e inteligível, isso significa que ela está fortemente conectada como outras dimensões humanas, consequentemente, o desenvolvimento de habilidades emocionais também se torna um processo robusto de formação espiritual: “ao vivenciar o aqui e o agora plenos de significados afetivos, o indivíduo é tocado em suas diferentes dimensões física, vital, mental, emocional, espiritual” (Possebon; Possebon, 2020, p. 173).

Grande parte dos problemas dos jovens matriculados no ensino médio encontra-se na dimensão emocional. Um estudo

italiano realizado pela Skuola.net⁵ em parceria com uma equipe de psicólogos e psicoterapeutas da *Associazione Nazionale Di.Te.*, com uma amostra de 3.062 jovens entre 11 e 19 anos, mostrou que, na realidade social e educacional italiana, 60% dos jovens sofrem com algum desconforto envolvendo o contexto em que vivem: “3 em cada 4 adolescentes frequentemente ou sempre sentem muita raiva de si mesmos, 57% sentem muita raiva dos outros. 63% dos adolescentes, por outro lado, são frequentemente vítimas da solidão” (Gelardini, 2023, n.p.). Outra porcentagem significativa revela que 63% dos jovens “é muitas vezes tomada pela tristeza. Enquanto 55% admitem sentir uma sensação de inquietação frequentemente ou sempre” (Gelardini, 2023, n.p.). Giuseppe Lavenia, um dos psicólogos responsáveis pelo estudo, afirma que a saúde mental dos jovens está em um momento crítico. Ele diz: “*o contexto escolar, que deveria ser um ambiente de aprendizagem e crescimento, infelizmente parece contribuir para esse mal-estar*” (Gelardini, 2023, n.p.).

Em um mundo globalizado pelo sistema capitalista, a realidade dos jovens brasileiros não se apresenta tão distante da italiana. No estudo sobre ansiedade e depressão com amostragem aleatória de 243 jovens estudantes de escolas públicas e privadas, com base populacional de 10.414 adolescentes, Jatobá e Bastos (2007, p. 171) apresentaram resultados de pesquisa também alarmantes: “prevalências de sintomas depressivos expressivos e de ansiedade igualaram-se a 59,9% e 19,9%, respectivamente. [...] A ideiação suicida/tentativa de suicídio foi referida por 34,3% dos estudantes”. Uma dimensão emocional da vida humana que não apresenta muitas reflexões e intervenções no espaço escolar, predominantemente saturado com a dimensão mental: raciocínio lógico e memorização do conhecimento, que também são fundamentais para a vida cotidiana, mas que não podem ocupar predominantemente o contexto de formação integral dos jovens.

Em outro estudo sobre a saúde mental dos jovens estudantes do Ensino Médio, os pesquisadores apresentam “indicadores negativos relacionados à saúde mental, tais como falta de amigos próximos, tristeza e preocupação” (Antunes *et al.*, 2022, p. 7). Os resultados envolvem a participação 125.123 adolescentes de 13 a

⁵ Site italiano com conteúdo informativo e materiais que são gerados para auxiliar estudantes de escolas e de universidades.

17 anos, que manifestaram sentimento de preocupação com fatos cotidianos, (50,6%); tristeza (31,4%); irritação, nervosismo e mau humor (40,9%); 30,0% sentem que as pessoas não se preocupam com eles e 21,4% sentem que a vida não compensa ou que não vale o sacrifício (Antunes *et al.*, 2022). Certamente a espiritualidade não apresenta características negativas que afetam a vida humana, uma vez que refletir sobre os sentimentos pessoais e relações sociais pode ser uma atitude ética importante para a resolução de conflitos emocionais e vivências espirituais.

A BNCC (Brasil, 2018, p. 464), ao discutir o Art. 35, § 2º, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), afirma que:

Serão asseguradas aos estudantes oportunidades de construção de projetos de vida, em perspectiva orientada pelo desenvolvimento integral, nas dimensões física, cognitiva e socioemocional [...].

Entretanto, os currículos escolares se pautam prioritariamente na dimensão mental, permanecendo a emocional um tema que surge da própria sensibilidade dos professores para com os jovens nas relações educacionais, que naturalmente ocorrem na sala de aula. A dimensão espiritual ainda é compreendida tanto pelo sistema de ensino quanto pelos próprios estudantes como algo atrelado à religiosidade. Uma educação integral dos jovens deve também encontrar espaço para o desenvolvimento de habilidade emocionais e reflexões ou discussões que não silenciem a dimensão espiritual em sua formação integral. As discussões na área da saúde e da filosofia já revelam que a espiritualidade tem seu valor para a vida humana; resta aos educadores, agora, pensarem como a “dimensão espiritual” pode “ser fortemente formada” no processo de formação integral desses jovens.

Considerações finais

A pesquisa em ciências humanas deve se pautar pela qualidade da investigação, uma vez que apresenta relevância social justamente em função da possibilidade que criam de transformação da realidade. Esse artigo procurou impactar uma área específica de reflexão na filosofia da educação e propor um tema para futuras discussões sobre a formação humana integral apresentada na BNCC, contribuindo ainda para o desenvolvimento de reflexões sobre o

tema “espiritualidade e educação”. Há a necessidade de se pensar a formação integral dos educandos sem excluir uma dimensão humana tão sutil: a espiritualidade. Como foi discutido, a BNCC ainda apresenta a noção de espiritualidade como algo intrínseco à cultura e as vivências de práticas religiosas. Se a formação integral é o fundamento para a tarefa dos educadores, os documentos normativos devem considerar quais as dimensões humanas e como compreendê-las para fundamentar o trabalho pedagógico.

A espiritualidade é uma dimensão humana que pode contribuir para amenizar os problemas emocionais vivenciados pelos jovens, na medida em que permite um olhar mais profundo sobre si mesmos e sobre suas vivências cotidianas, provocando uma reflexão crítica sobre os valores contemporâneos e os contextos sociais, como desigualdade econômica e violência, que também perpassam as dimensões básicas. As dimensões temáticas-transversais, ou seja, a relacional-social, a político-econômica, a comunicativa, a lúdica, a ecológica etc., também refletem e potencializam, ou não, as dimensões básicas.

Nesse sentido, as discussões sobre a dimensão espiritual na vida humana apontam para a possibilidade de o sistema escolar considerá-la como uma dimensão estruturante da natureza humana, associando-a ao processo de formação integral dos jovens. Porém, este artigo procura enfatizar que esse tema ainda não é discutido nos documentos normativos (BNCC ou LDB) como uma possibilidade de implementação nos currículos escolares. Assim, inúmeras questões permanecem em aberto: quais seriam os conteúdos a serem trabalhados? Há conteúdos possíveis que podem perpassar a dimensão espiritual? Quais técnicas ou metodologias de ensino podem ser aplicadas à dimensão espiritual? Quais os resultados esperados, quais os benefícios aferíveis ou mensuráveis da espiritualidade na formação dos estudantes? Como criar um espaço nos currículos para a dimensão espiritual, livre de influências religiosas, na formação dos jovens? Como professores podem sensibilizar os educandos a encontrarem uma dimensão humana tão sutil em sua vida cotidiana? Como sensibilizá-los a visualizar, em suas experiências cotidianas, a influência da dimensão espiritual? Mais complexo do que definir a noção de espiritualidade, parece ser compromisso educacional com a formação integral dos jovens,

acolhendo-os no espaço escolar e possibilitando que visualizem sua própria vida como constituída por diferentes dimensões que “dialogam” entre si e perpassam outras dimensões em suas vivências cotidianas. Como, afinal, “a dimensão espiritual” pode “ser fortemente formada para neutralizar um desequilíbrio emocional”⁶ que leva os jovens, muitas vezes, a procurarem ou a quererem a ajuda de profissionais da saúde, de amigos no espaço escolar e de professores?

Referências

ANTUNES, Juliana Teixeira *et al.* A saúde mental dos adolescentes brasileiros. *REME-Revista Mineira de Enfermagem*, [S. l.], v. 26, p. 1-9, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reme/article/view/38984/31962>. Acesso em: 30 out. 2025.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofia da educação*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BARBOSA DA SILVA, Andreia; MARTINS GUERRA, Valeschka. Espiritualidade e Sentido de Vida. *Revista Psicologia em Pesquisa*, [S. l.], v. 18, n. 2, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/view/37757>. Acesso em: 15 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base*. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 5 out. 2025.

CARMO, Khemilly Bernardino do. Espiritualidade aplicada à medicina. *Revista Bioética*, [S. l.], v. 30, n. 4, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/QDxjsmPff6DK7cYCd4fXrYb/?lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2025.

CORROCHANO, Maria Carla; TOMMASI, Livia. Do qualificar ao empreender: políticas de trabalho para jovens no Brasil. *Estudos Avançados*, [S. l.], v. 34, n. 99, p. 353-372, 2020.

DESCARTES, René. *Meditações sobre Filosofia Primeira*. Campinas, SP: Unicamp, 2004.

FARINHA, Francely Tineli *et al.* Correlação entre espiritualidade, religiosidade e qualidade de vida em adolescentes. *Revista Bioética*, [S.

⁶ Röhr, 2020, p. 92, tradução nossa.

[.], v. 26, n. 4, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/ybh5BgdDzWGHpW3b3LHx3qf/?lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2025.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

GELARDINI, Marcello. Adolescenti sotto stress, oltre 6 su 10 avvertono ansia e pressione sociale. E 1 su 2 ha già avuto almeno un attacco di panico. [S. L.], 2023. Disponível em: <https://www.skuola.net/news/inchiesta/adolescenti-stress-2023-ricerca.html>. Acesso em: 15 set. 2025.

GUERREZI, Lucas; COELHO, Gustavo Henrique de Freitas. O problema cartesiano da distinção entre mente e corpo e da união substancial. *Kínesis - Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia*, [S. L.], v. 16, n. 41, p. 158-178, 2025. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/16034>. Acesso em: 15 set. 2025.

GUIMARÃES, Hélio Penna; AVEZUM, Álvaro. O impacto da espiritualidade na saúde física. *Revista de Psiquiatria Clínica*. V. 34, supl 1, p. 84-94, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/HCC9kdndvxXFjdXZtfdGyP/?lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2025.

JANKAUSKAS, Rosi Meri Bukowitz. Espiritualidade e Educação. *Revista Científica FESA*, [S. L.], v. 3, n.12, p. 119-130, 2023. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.56069/2676-0428.2023.357>. Acesso em: 15 set. 2025.

JATOBÁ, Joana D'Arc Vila Nova; BASTOS, Othon. Depressão e ansiedade em adolescentes de escolas públicas e privadas. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, [s. l.], v. 56, n. 3, p. 171-179, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/qq3wLVwDfBpnZW9chB6wBtG/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2025.

LEAL, Ana Lúcia; RÖHR, Ferdinand; POLICARPO JUNIOR, José. Resiliência e espiritualidade: Algumas implicações para a formação humana. *Conjectura*, Caxias do Sul, RS, v. 15, n. 1, p. 11-24, 2010. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/173/164>. Acesso em: 15 nov. 2025.

PANZINI, Raquel Gehrke *et al.* Qualidade de vida e espiritualidade. *Archives of Clinical Psychiatry*, São Paulo, v. 34, supl. 1; 105-115, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/BwhXyQkp9yCL38fJ9g6pdFf/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2025.

- PEREIRA, Beatriz Prado; LOPES, Roseli Esquerdo. Por que ir à Escola? Os sentidos atribuídos pelos jovens do ensino médio. *Educação & Realidade*, [S. l.], v. 41, n. 1, p. 193-216, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/4Wjh6HbfcJWnFcWgkRrvYS/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2025.
- POLICARPO JUNIOR, José. Um caminho para a vida integral e preciosa – Reflexões sobre espiritualidade e educação. In: RÖHR, Ferdinand *et al.* (org.). *Diálogos em educação e espiritualidade*. Recife: Universitária da UFPE, 2012. p. 81-107.
- POLICARPO JUNIOR, José. Vivências e compreensões distintas de uma natureza – comentários sobre educação e espiritualidade. In: RÖHR, Ferdinand (org.). *Diálogos em educação e espiritualidade*. 2. ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012. p. 243-265.
- POSSEBON, Elisa Pereira Gonsalves; POSSEBON, Fabricio. Descobrir o afeto: uma proposta de educação emocional na escola. *Revista Contexto & Educação*, [s. l.], v. 35, n. 110, p. 163-186, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2020.110.163-186>. Acesso em: 11 dez. 2025.
- POSSEBON, Fabrício; GONSALVES POSSEBON, Elisa Pereira; DANTAS, Taísa Caldas. Educação emocional, formação humana e espiritualidade. *Nuances: Estudos sobre Educação*, [S. l.], v. 33, p. 1-15, 2022. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/9488>. Acesso em: 15 set. 2025.
- RÖHR, Ferdinand. *Educação e espiritualidade: contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013.
- RÖHR, Ferdinand. Educational Theory and Spirituality. In: FISHER, Robert; HOWARD, Lisa; MONTEITH, Ken (ed.). *Spirituality in the 21st Century: Journeys beyond Entrenched Boundaries*. Oxford, United Kingdom: Inter-Disciplinary Press, 2020. p. 89-98.
- RÖHR, Ferdinand. Espiritualidade e educação. In: RÖHR, Ferdinand *et al.* (org.). *Diálogos em educação e espiritualidade*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.
- RÖHR, Ferdinand. Espiritualidade e formação humana. *Poiésis - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*, [S. l.], v. 4, 2011. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/article/view/748>. Acesso em: dez. 2025.

SAAD, Marcelo; MASIERO, Danilo; BATTISTELLA, Linamara Rizzo. Espiritualidade baseada em evidências. *Acta Fisiátrica*, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 107-112, 2001. DOI: 10.11606/issn.2317-0190.v8i3a102355. Disponível em: <https://revistas.usp.br/actafisiatrica/article/view/102355>. Acesso em: 16 dez. 2025.

SAVIANI, Demerval. *Pedagogia Histórico-Crítica, quadragésimo ano: novas aproximações*. Campinas, SP: Autores Associados, 2019.

SAVIANI, Demerval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 12. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. *Educação e Pesquisa*, v. 32, n. 3, p. 619-634, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/rhVxLn4XhLWjYJKXB7grswG/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2025.

SEVERINO, Antônio. Educação e ética no processo de construção da cidadania. In: LOMBARDI, José Claudinei; GOERGEN, Pedro (org.). *Ética e educação: reflexões filosóficas e históricas*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

VARANI, Adriana; CAMPOS, Cristina Maria; ROSSIN, Elizabeth. A formação humana integra a educação integral? O que as práticas pedagógicas têm a nos dizer. *Cadernos CEDES*, [S. l.], v. 39, n. 108, p. 177-192, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/jJDVLwBtf5NqqK3ghXM5cfF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 ago. 2023.

VASCONCELOS, Myrvia Ferreira de; ARAÚJO, Rodrigo Silva Rosal de. Formação Humana. *Revista Ágora Filosófica*, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 28-67, 2021. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/1934>. Acesso em: 3 jul. 2024.